

A razão ontológica da queda do diabo segundo Anselmo de Aosta

The ontological reason of the devil's fall according to Anselm of Aosta

Lucas Mello Ness¹

Resumo: Dentre as grandes questões que assolavam o pensamento filosófico medieval encontra-se aquele que diz respeito à origem do mal. Um Deus que é sumo bem não poderia ser o responsável pelo mal e pelo pecado. O presente artigo visa analisar em que medida Anselmo de Aosta, na sua obra *De casu diaboli*, traz aspectos concernentes ao débito ontológico como fundamento também do mal, dentro da perspectiva de que a incapacidade da criatura em compreender a extensão e complexidade de seu criador gera nela pretensões de sê-lo. Não se trata tão somente de destacar o que está escrito na obra referenciada, está-se diante do desafio de compreender os demais conceitos ali existentes; compreender quais conhecimentos estavam já enraizados no pensamento do autor quando de tão complexa e profunda reflexão. De posse de tais conceitos, cumpre, pois, extrair conclusões sobre as quais o próprio Anselmo deixa de debruçar-se pela utilização do “argumento de fé” ou incompreensão; incorrer na audácia de compreender em completitude os desígnios do Senhor seria trilhar os mesmos caminhos que conduziram ao objeto do estudo, ou seja, seria considerar-se apto a conhecer as verdades divinas e negar a diferença basilar entre “criador e criatura”.

Palavras-Chave: Queda do Diabo. Anselmo. Débito Ontológico.

Abstract: Among the major issues that plagued the medieval philosophical thought lies the one that concerns the origin of evil. A God who is supreme good could not be responsible for evil and sin. This article aims to analyze to what extent Anselm of Aosta, in his work *De casu diaboli*, brings issues regarding the ontological debt as the reason of evil, from the perspective of the creature's inability to understand the extent and complexity of your creator claim the wish of be a god. This is not so only to highlight what is written in the referenced work, it is a opportunity to face the challenge of understanding the other concepts therein; understand what knowledge were already rooted in the thinking of the author when so complex and deep reflection. Armed with these concepts, we must draw conclusions on which the own Anselm fails to look when he choose the “faith argument” or misunderstanding; incur the audacity to understand in completeness the purposes of the Lord would tread the same paths that led to the study of the object, that is, it would be considered able to know the divine truths and deny the fundamental difference between “creator and creature”.

Keywords: Devil's fall. Anselm. Ontological debt.

1. Introdução

Santo Anselmo (Anselmo de Aosta ou de Cantuária, 1033-1109) redigiu o *Tratado sobre a queda do diabo* entre os anos de 1085 e 1090 como parte de uma trilogia (formada por esta obra juntamente com *De Veritate* e *De libertate arbitrii*).

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: lucasness@gmail.com

A grande resposta perseguida por Anselmo é a origem do mal. A fonte da dúvida não é outra que não o próprio ato criador de Deus. Ora, um Deus todo poderoso, sumo bem, pelo qual faz das coisas todas que cria boas por essência teria sido também o responsável pelo pecado? De onde tamanho descuido teria se dado frente aquele que é tudo? Para tentar responder a tais inquietações, Anselmo passa a analisar a queda do diabo, o primeiro caído.

Conforme se extraí da apresentação de Carlos André Perez, que compõe a edição bilíngue da obra *Tratado sobre a queda do diabo* editada Grupo de Tradução de Latim da Universidad de los Andes:

En su respuesta, mostrará de qué manera el pecado del demonio consistió básicamente en su desobediencia espontánea a la voluntad de Dios, es decir, en el hecho de querer por sí mismo lo que no debió, sin atenerse a una instancia superior y, a la vez, contrariándola.²

As questões que se encerram na resposta anselmiana trazem ao estudo questões que dizem respeito ao débito existente entre criador e criatura. A criatura conhece e almeja a partir dos caminhos que seu criador lhe oferece; vê limitado não por aquilo que lhe é ofertado, mas pelo simples fato de ser incapaz de ver para além daquilo que existe. Ao tentar romper o véu que parece se formar, julga que poderá fazê-lo, visto que é a face da criação que contempla, mas por não compreender a completude, acaba por gerar aquilo que não é, o mal – e com ele o pecado e a queda.

Tal questão será abordada também a luz de outros conceitos, utilizados por Anselmo em outras obras, dentre os quais se destacam, para a melhor compreensão da fonte das indagações que serão formuladas ao longo do texto, a noção de Deus como “aquele o qual nada maior se pode pensar” (discussão realizado em *Proslogion*). Outra questão que merece ser destacada é que, para Anselmo, todo ser racional é destinado à beatitude (conforme *De Concordia* e *Monologion*). Utilizar-se, também questões erigidas por Anselmo em sua análise sobre a verdade (*De veritate*).

2. Do recebimento de dons e características

A premissa básica da obra em questão é conhecer as razões pelas quais o diabo ocorreu em queda; ora se Deus é bom e faz coisas boas como pode ter sido criatura sua levada a corromper-se em tamanha monta? Indaga-se, primeiramente, acerca da propensão angelical

² ANSELMO, *De casu diaboli*, p. XVIII.

ao recebimento de dons e características. A argumentação de Anselmo pode ser colocada em três tópicos:

- a) Tudo que os homens e anjos recebem provem de Deus;
- b) Deus cria; e tudo que é criado, é pelo criador que tem e é;
- c) Deus age positivamente; o nada e o não ser não provem de Deus.

Dessa feita, tudo que a criatura tem é pelo criador que tem. A criatura, por si, não tem nada, diferentemente de seu criador, que tem por si. Porém não se pode atribuir o não fazer a Deus simplesmente pela sua capacidade geradora, aquilo que é, é por Ele que é, sendo falso o contrário senso de que o que não é, por Ele que não é.

De ahí lo siguiente: puesto que el sumo bien es la suma esencia, es consecuencia que todo bien sea esencia y que toda esencia, bien. Por lo tanto, la nada y el no ser así como no son esencia, de la misma manera no son bien. Por esto, la nada y el no ser no son por aquél, a partir de quien no es sino el bien y la esencia.³

Tal definição encerra a noção de débito ontológico, pela qual toda criatura consciente tem com seu criador uma dívida insanável advinda de sua própria distinção originária; por mais especial e nobre que seja, uma criatura sempre será criatura e nunca seu criador. Nas reflexões de Anselmo, Deus recebe o título de *essentia*, termo que significa “realidade plena”, ou seja, Deus é o que não pode não existir. De acordo com Étienne Gilson:

Assim, tudo o que não é a essência de Deus foi criado por Deus e, do mesmo modo que ele conferiu a todas as coisas o ser que elas têm, ele as sustenta e as conserva para permitir-lhes perseverar no ser. Isso significa que Deus está presente por toda parte, suportando tudo por seu poder e que, onde ele não está, nada está.⁴

Dotado de plenitude, só Deus contempla em si sua magnificência, às criaturas resta a visão limitada da grandeza divina, o que, na pequenez de criatura, pode gerar inveja. A própria decisão divina de ofertar um caminho às criaturas faz-se no sentido de protegê-las do que sua condição própria é incapaz de conceber. “Ao contrário, nada do que não é Deus não é o ser no sentido pleno do termo; logo, é preciso necessariamente que todo o resto, que não é Deus e todavia existe, receba de Deus seu ser.”⁵. Assumindo que Deus, na qualidade de criador, é o único que pode dar o que é preciso aos homens e anjos (suas criaturas), chega-se a indagação que abre o capítulo segundo da obra *De casu diaboli*: “Por que parece que o demônio não recebeu a perseverança porque Deus não há deus”. O discípulo argui possível responsabilidade de Deus à queda do diabo; ora se aquele que persevera é porque Deus lhe

³ ANSELMO, *De casu diaboli*, cap. I, p. 191.

⁴ GILSON, 2007, p. 301.

⁵ GILSON, 2007, p. 299.

conferiu tal característica, aquele que não persevera é porque assim Deus não quis; ao não dar-lhe a perseverança lhe cria a possibilidade da queda.

A resposta à astuta questão levantada pelo discípulo é dada no terceiro capítulo: “Deus não a deu porque aquele não a recebeu”. Nessa parte do diálogo parece o discípulo apontar razões fortes em desfavor da tese pró criador: se d’Ele provém todo o bem, parece ilógico tratar como pecador aquele a quem não foi dado.

A causa última do receber – por parte da criatura – advém do ato divino do dar. O não receber não significa, necessariamente, um não dar. Deus, na condição de criador, oferece os dons e características aos anjos e estes, ao recebê-los, tem por Deus dado o que lhe fora ofertado. Estabelece-se uma relação tripla entre oferecer-receber-dar. A razão do receber é sempre o dar, mas o aceitar a oferta é parte fundamental no seu recebimento. A diferença entre o anjo bom e o anjo mal é que, aquele, recebeu o aquilo que Deus quis lhe dar, enquanto este recusou a oferta de Deus e por isso não recebeu o que Ele queria lhe dar.

A argumentação do discípulo segue dentro da explicação erigida pelo mestre. Se tudo Deus dá, a própria capacidade de querer aquilo que lhe é ofertado – nesse caso a perseverança – não seria também algo a ser dado pelo criador? Em outras palavras, cumpre saber se o anjo caído não pôde querer ou de fato não quis aquilo que rejeitou.

D. ¿Acaso no dijiste que Dios le dio y que aquel recibió la voluntad y el poder de recibir la perseverancia?

M. Lo dije, pero no dije que Dios le dio el recibir la perseverancia, sino / tan sólo el querer y el poder de recibir la perseverancia.

D. Por lo tanto, si quiso y pudo, recibió la perseverancia.

M. No es necesario el consecuente./

D. No veo por qué, a no ser que // me lo expliques.

M. ¿Comenzaste alguna vez algo con la voluntad y el poder de hacerlo hasta terminar, lo que, no obstante, al cambiar la voluntad antes de la conclusión del asunto, no hiciste hasta terminar?⁶

Diferencia o mestre a perseverança na vontade da perseverança na ação:

M. Por lo tanto, no debes decir: no quise perseverar en la voluntad por esto, porque no quise perseverar en la voluntad de esta voluntad. Pero cuando se pregunta por qué no perseveraste en la acción en la que quisiste y pudiste perseverar, / puedes responder que no perseveraste en la voluntad. Porque si de nuevo se pregunta por qué no perseveraste en la voluntad, otra causa hay que volver a exponer, a saber, en la que se toque el defecto de aquella voluntad, de tal manera que no perseveraste / en la voluntad de querer. En efecto, al responder, no muestras otra cosa que aquello mismo que se pregunta, esto es, que no perseveraste en la voluntad de perseverar en la acción.⁷

⁶ ANSELMO, *De casu diaboli*, cap. III, p. 194.

⁷ ANSELMO, *De casu diaboli*, cap. III, p. 195.

Pontua Anselmo uma diferença entre querer algo e querer até o fim, sendo que vontade é “querer até alcançar o fim completamente”. Concluindo que:

M. Así di, por lo tanto, que el demonio que recibió el querer y el poder de recibir la perseverancia y de querer y poder perseverar, no la recibió ni perseveró / por esto, porque no quiso hasta alcanzar el fin completamente.⁸

O discípulo parece insistir na argumentação que tenta responsabilizar Deus pela falta de perseverança do caído, relutante em aceitar que ao abandonar a vontade que tinha, passou a não receber o que Deus lhe queria dar. O argumento do mestre só passa a ser aceito quando este expõe que “nem sempre é primeiro o não querer ter que o querer abandonar”. Isto faz através do exemplo do avaro que deseja um pão; ele primeiro quer abandonar o dinheiro para ter o pão do que não querer ter o dinheiro.

Conclui, que o diabo, ao querer o que não podia, abandonou a boa vontade e permaneceu com a má, ou seja, não a querendo, fez por onde não a receber.

3. Da ignorante vontade de ser Deus

“De que modo aquele pecou e quis ser semelhante a Deus” é a indagação que abre o quarto capítulo da obra *De casu diaboli* e se faz no sentido de tentar compreender a situação em que se encontrava o caído; afinal o que poderia ter seduzido a criatura que havia recebido de seu criador tudo que precisava a ponto de fazer abandonar o que tinha para tentar o que não podia ter? Interessante destacar que Anselmo coloca como premissa um deus justo incapaz de condenar a alguém injustamente. Dessa feita, impõe uma breve discussão acerca da justiça, onde a conceitua como “querer o que deve” e o injusto como aquele que “quer o que não deve”. Dessa feita, Pecou o caído ao querer o que não deveria, resta perquirir o que foi isso.

Destaca o autor que só se quer (algo) por justiça ou conveniência. Por aquela não é possível pecar, visto que é todo querer o que se deve. Por conveniência, contudo, pode-se querer o que não se quer a fim de pretensamente aumentar sua felicidade. Ao desordenadamente deixar-se consumir por essa vontade peca duplamente, tanto por querer o que não deve e por não querer o que deve. E só através dessa desordem é que a criatura pode pecar, visto que almeja, sem compreender, deter a imensidão divina.

⁸ ANSELMO, *De casu diaboli*, cap. III, p. 196.

A imensidão divina é inconcebível pela criatura, dada sua grandeza e tamanho. Conforme destaca Anselmo, “se Deus não pode ser pensado senão como algo único, tal que nada similar e Ele pode ser pensado, como pode o demônio querer o que não pode pensar?”. A resposta parece singela; o que encanta o caído é apenas uma parcela do que consegue ver e compreender: só o criador, por si, tem vontade própria, a total não subordinação a nada. O pecado faz-se relevante não pelo anseio de igualdade com o divino, mas por querer algo para além do que o criador quis à sua criatura, querendo mais do que Deus.

A análise primaz concernente a diferença entre a queda humana e a queda de Lúcifer reside sobre a consciência da consequência de seus atos. Aos anjos não fora avisado qual a consequência de suas ações que, utilizando-se da conveniência mais do que da justiça, os levassem a caminhos que não traçados por Deus à sua felicidade. De fato, não é dado ao homem a revelação dos motivos que encerram essa opção divina; de uma análise em relação ao papel servil dos anjos, faz parecer que Deus optou por conhecer quais deles se inclinariam a trilhar outros caminhos em busca daquilo que Ele mesmo projetara para suas criaturas; e quais seguiriam seus caminhos. Aqueles que, mesmo perseguindo a felicidade, adotaram caminhos perversos foram amaldiçoados, aqueles que perseguiram com retidão a felicidade, alcançaram tamanha graça que jamais puderam imaginar.

Nesse sentido, pontua-se a análise de Manoel Vasconcellos, que esclarece acerca do fim almejado pelo diabo, a felicidade e como esta pode converter-se em mal:

O mal não está no desejar a felicidade, mas em desejá-la desordenadamente, isto é, antepor o legítimo desejo da felicidade à retidão da vontade. O mal consiste em querer algo por vontade própria; somente Deus quer por si mesmo; a condição própria da criatura é sempre o querer em conformidade com a justiça. Pecar é desejar uma felicidade que extrapole os ditames da justiça. Este é um ponto absolutamente central da moral anselmiana, em que a vontade livre e a justiça aparecem como fundamentos para a vida verdadeiramente reta e, conseqüentemente, feliz.⁹

A vontade do diabo é maculada por sua ignorância. Resta evidente que não conhecia das consequências de seus atos, pela própria vontade divina de possuir em seu exército celeste tão somente aqueles que, de posse de seu livre arbítrio optassem pelos caminhos do criador. Uma comparação singela, mas que contribui à compreensão, faz-se com aquele dono de fábrica que prescinde a honestidade de seus operários e não da ameaça em função da existência de câmeras de segurança. Assim, Deus queria com Ele tão somente aqueles que escolhessem o Seu caminho por ser o correto e não por medo de repressão.

⁹ VASCONCELLOS, 2013, p. 1557.

Destaca Anselmo que, assim como trilhar os caminhos de Deus advém do seguimento a ordem para os quais foram criados e, assim, não dependentes exclusivamente da criatura, o retorno dos caídos é impossível por sua própria vontade. Dando-se tão somente através da permissão divina, o caminho do retorno passa pela assunção da grandeza divina e a pequenez da criatura, vontade contraditória ao motivo primeiro do pecado.

4. Conclusões: compreensão da queda sem motivo claro

O motivo último da queda do diabo é deixado por Anselmo ao mistério. Talvez seja de fato impossível decifrar o momento da guinada de vontade, em que o buscar as veredas do Senhor torna-se abandonar Seus planos e caminhos. A ignorância quanto às consequências, a impossibilidade de conceber a plenitude divina, sua incapacidade de reestruturar seu caminho, são a análise que melhor planifica a situação do diabo e dos demais caídos.

A vontade de felicidade do caído não foi a causa do mal. Essa vontade é resguardada por Deus, que a criou e depositou em suas criaturas. Junto a essa vontade lhes foi ofertado o caminho a ser trilhado à sua conquista. Mantendo tal vontade, mas maculando-a através da perseguição de caminhos que não foram traçados para isso, o diabo concebe o inconcebível, a pretensão de ser igual ao que não conhece, e querendo ser maior do que aquele pelo qual tudo é, pretende-se maior que tudo, maior que o próprio criador.

Querer ser o que não é impõe àquele que experimenta tal desvio a corrupção de não ser; ora se algo é destinado a ser, não o sendo deixa de ser. Considerando a tradição agostiniana de Anselmo, observa-se no desvio ao caminho o não ser e, ao não ser, encontramos a ausência escolhida pelo Bispo de Hipona para ser a definição do mal. Um vazio tamanho que condena, vicia e corrompe, de tal monta que aquele que caí, por si, não consegue erguer-se; ao primeiro caído, embora não seja possível vislumbrar o motivo primeiro dessa vontade, encontra-se a razão pela qual tende a reforçar sua ausência de ser e, assim, não mais retornar às veredas do Senhor.

A diferença ontológica entre criador e criatura encerra a razão e não o motivo pelo qual o diabo caiu, deu-se o mal e o pecado. Da pequenez de não contemplar a grandeza do criador encerra-se a vontade incontrolável de ser igual a Ele; ao querer o que nem mesmo o criador concebeu para suas criaturas, floresce a vontade de ser mais do que Ele.

Referências bibliográficas

ANSELMO DE CANTUÁRIA. **Tratado de la caída del demonio**. Edición y comentario introductorio de Felipe Castañeda. Estudios complementarios de Jaime Barrera, Christian Schäfer y Gonzalo Soto. Grupo de Traducción de Latín de la Universidad de los Andes. Bogotá: Ediciones Uniandes (Universidad de los Andes), 2005.

DAVIES, Brian; LEFTOW, Brian [Eds.]. **The Cambridge Companion to Anselm**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELLOS, Manoel Luís Cardoso. *O enigma do mal: uma leitura do De casu diaboli de Santo Anselmo*. In: **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, 2013, pp. 1551-1570.